

## Entre Torcidas Organizadas e Torcidas Antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências

Between Organized Fans and Antifascist Fans: Considerations about  
the Politics of Cheering and its Resistance

**Phelipe Caldas**

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil  
Doutorando em Antropologia Social, UFSCar  
pontescarvalho@gmail.com

**Marianna Andrade**

Universidade Federal de São Paulo, São Carlos/SP, Brasil  
Mestranda em Ciências Sociais, Unifesp

**Roberto Souza Junior**

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil  
Mestrando em Antropologia Social, UFSCar

**RESUMO:** Neste artigo, pretendemos analisar comparativamente dois modelos de adesão torcedora em torno do futebol. A saber, as torcidas organizadas e as torcidas antifascistas. Para isso, tomamos como ponto de partida o engajamento de torcedores nos protestos a favor da democracia, contra o Governo Bolsonaro, e que tomaram as ruas de algumas cidades brasileiras durante a pandemia. Discutiremos os alcances de ambos os projetos associativistas no contexto da cidade de São Paulo, e como contraponto traremos um caso singular de um torcedor organizado que também é torcedor antifascista na capital paraibana de João Pessoa. O objetivo é mostrar as estratégias existentes entre essas duas formas de engajamento e, mais do que isso, perceber o quão podem ser múltiplas e complexas as ações torcedoras provocadas pelos mais variados contextos sócio-históricos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia das práticas esportivas; Torcidas organizadas de futebol; Torcidas antifascistas; São Paulo/SP; João Pessoa/PB.

**ABSTRACT:** In this article, we intend to comparatively analyze two types of fan found in football. Namely, organized and antifascist fans. For this work, we took as a starting point the engagement of fans in the pro-democracy protests against the Bolsonaro Government, which took to the streets of some Brazilian cities during the pandemic. We will discuss the scope of both associative projects in the context of the city of São Paulo, and as a counterpoint we will bring a singular case of an organized fan who is also an antifascist fan in the capital of Paraíba State, in João Pessoa. The objective here is to show the existing strategies between these two forms of engagement and, more than that, to realize how multiple and complex the actions provoked by the most varied socio-historical contexts can be for football supporters.

**KEYWORDS:** Anthropology of Sports Practices; Organized Football Fans; Antifascist Fans; São Paulo/SP; João Pessoa/PB.

**TORCIDAS: A PANDEMIA E AS RUAS COMO ARQUIBANCADA<sup>1</sup>**

Era uma tarde de domingo na região central da cidade de São Paulo, capital do estado homônimo, no dia 31 de maio de 2020. Centenas de torcedores de diferentes clubes paulistanos estavam reunidos na Avenida Paulista. Mas, a despeito do que se poderia pensar a princípio, não era dia de jogo. Aliás, a primeira onda da pandemia de Covid-19<sup>2</sup> no país se aproximava de seu ápice e os jogos de futebol estavam suspensos em todo o país desde março.

O que se via ali era, de certa forma, uma transposição das ações torcedoras das arquibancadas para as ruas da cidade, ressignificando os espaços públicos e trazendo à tona pautas para além do futebol. Expressando tais demandas, as dinâmicas torcedoras estavam presentes em forma de bandeiras, faixas, camisas, gritos de guerra. Aquilo que tradicionalmente se define como sendo as “marcas distintivas”<sup>3</sup> das torcidas no futebol se fizeram presentes atestando sua eficácia e plasticidade, mais uma vez, para além dele.

Antecipando outras entidades da sociedade civil, associativismos torcedores diversos e torcedores individuais protagonizaram a defesa do estado democrático e de suas instituições de direito, que àquela altura se viam sob fortes ataques e suspeições. Era um momento de grande tensão política, pois o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, incitava reiterados ataques contra o Congresso Nacional e, sobretudo, contra o Supremo Tribunal Federal, estimulando diversas mobilizações antidemocráticas insufladas por seus apoiadores e grupos reconhecida-mente à direita do espectro ideológico, que sustentavam seu projeto de poder desde a campanha presidencial de 2018.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> O presente artigo contou com leituras prévias e discussões com os integrantes do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a quem agradecemos pelas contribuições.

<sup>2</sup> Também chamada de pandemia de coronavírus. De toda forma, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o nome oficial da doença é SARS-CoV-2, ou seja, Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), pertencente à família do Coronavírus (CoV). Foi decretado oficialmente a pandemia em 11 de março de 2020, quando já estava presente em 114 países, incluindo aí o Brasil.

<sup>3</sup> TOLEDO. *Torcidas Organizadas de Futebol*, p. 52.

<sup>4</sup> COLETTA, Ricardo Della, et al. Bolsonaro ignora crise do coronavírus, estimula e participa de ato pró-governo e contra Congresso e STF. Folha de S. Paulo, Brasília, 15 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3DGq65F>.

Somados a essa conjuntura política, o presidente dava seguidas declarações negacionistas no âmbito da saúde pública, em que classificava a pandemia de coronavírus como sendo uma “gripezinha” e afirmava publicamente que o vírus não possuía a gravidade alardeada pela OMS.<sup>5</sup>

Na verdade, a ida de coletividades torcedoras aos espaços públicos da cidade,<sup>6</sup> mesmo durante a pandemia, não era novidade. Algumas análises<sup>7</sup> já esboçaram a participação de torcidas organizadas (TO's) de clubes paulistanos (Gaviões da Fiel, no caso do Corinthians; Mancha Verde,<sup>8</sup> no caso do Palmeiras; Dragões da Real, no caso do São Paulo) como associações populares no combate à pandemia e na proteção de seus integrantes, capilarizando em comunidades periféricas algumas ações que as iniciativas públicas pouco, ou quase nada, alcançavam naquele momento de maior incerteza. E foi diante da gravidade da pandemia que os torcedores continuaram indo às ruas, realizaram campanhas de arrecadação e distribuição de alimentos, de doação de sangue, ofereceram suas sedes para o poder público para trabalharem em conjunto no sentido de mitigar os impactos da propagação do vírus.

A diferença, não obstante, é que a mobilização política de maio foi mais atípica. Primeiro pela dimensão, depois porque modificava provisoriamente a ideia de fronteiras clubísticas que alimenta o entendimento de senso comum sobre esses agrupamentos. E fronteiras, aqui, pensadas como algo que está na liminaridade das identidades, nas fronteiras que definem quem são os diferentes grupos identitários que estão a interagir entre si em dado contexto.<sup>9</sup>

Isso porque, se antes os torcedores de diferentes clubes se reuniam no combate à pandemia em seus respectivos “pedaços”,<sup>10</sup> naquele momento muitas

<sup>5</sup> COLETTA, Ricardo Della. Em pronunciamento, Bolsonaro critica fechamento de escolas, ataca governadores e culpa mídia. Folha de S. Paulo, Brasília, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3eUrSWo>.

<sup>6</sup> Não era a primeira vez que torcedores em diferentes cidades do país iam às ruas protestar contra “grupos fascistas”, mas aquela era a maior mobilização até então.

<sup>7</sup> TOLEDO; SOUZA JUNIOR. Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19.

<sup>8</sup> Nos dias atuais, a torcida se chama oficialmente Mancha Alviverde. Mas a mudança de nome é apenas para burlar uma proibição por parte da justiça de a agremiação funcionar. No dia a dia, os integrantes da torcida continuam a chamá-la pelo nome original, e é o que faremos aqui, em respeito às decisões êmicas dos torcedores.

<sup>9</sup> BARTH. *O Guru, o Iniciador: e outras variações antropológicas*.

<sup>10</sup> “Pedaços” no sentido proposto por Magnani (2005), onde aconteceria uma sociabilidade básica mais ampla em determinados espaços da cidade. Falaremos mais sobre essas categorias mais a frente.

lideranças torcedoras se encontravam minimamente acordadas em torno daqueles propósitos, reunindo corinthianos,<sup>11</sup> são paulinos, palmeirenses e santistas<sup>12</sup> que ocupavam a mesma avenida num mesmo ato político supra clubístico. Evento que, obviamente, não mascarava outras demarcações identitárias que são próprias dessas organizações e perceptíveis, externas e internamente. E que não estão isentas de tensões próprias da sociabilidade torcedora,<sup>13</sup> rivalidades internas e discordâncias de toda monta.

Ora, quando Damo<sup>14</sup> fala sobre “clubismo”, e alardeia que a essa forma de identidade se prevê também uma alteridade, uma outra face, sempre oposta, que contrapõe paixões, ele está remetendo principalmente - mas não somente - aos torcedores de diferentes clubes. Colorados e gremistas, por exemplo, apenas para citar o caso que é majoritariamente trazido por ele, mas que se pode generalizar em diversas alteridades clubísticas multipolares Brasil afora.

Tomando como exemplo as torcidas do Corinthians (sempre pensadas no plural), era possível visualizar naquele ato de maio a presença de uma grande faixa do Coletivo Democracia Corinthiana, além de camisas dos Gaviões da Fiel. Concomitantemente, entre os palmeirenses identificados, era notada uma faixa da Por-comunas e outras com identificações associadas à Mancha Verde. E, como veremos neste artigo, esses diferentes agrupamentos marcados pelo pertencimento clubístico não necessariamente acolhem da mesma maneira tanto posicionamentos relacionados aos projetos de torcer quanto pontos de vista políticos, embora ali estivessem acordados em torno de uma conjuntura que lhes parecia hostil.

Tal situação motivou um duplo estranhamento que fez os principais portais de notícias do país alardearem a união de torcedores de diferentes clubes, rivais históricos, que marcharam juntos na avenida; ao tempo que classificaram aquele emaranhado de identidades como sendo simplesmente “torcidas organizadas”.

---

<sup>11</sup> Em que pese a norma culta sugerir a escrita de “corinthiano”, optamos por usar “corinthiano” (com “h”) por ser assim que os torcedores do clube em questão se autoidentificam.

<sup>12</sup> O Santos não é um clube paulistano e está localizado no município litorâneo de mesmo nome, mas tem um número considerável de torcedores que moram na capital, além de a sede da principal torcida organizada vinculada ao clube (Torcida Jovem) estar localizada na cidade de São Paulo, de forma que santistas também estiveram presentes ao ato.

<sup>13</sup> TOLEDO. Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010.

<sup>14</sup> DAMO. Para o que Der e Vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores.

Três dias depois, no entanto, quando o presidente da República criticou os protestos e classificou os torcedores “antifas” como sendo indistintamente “marginais” e “terroristas”,<sup>15</sup> houve uma enxurrada de novas reportagens, em sua grande maioria reclassificando apressadamente aquelas identidades torcedoras como sendo todas “antifascistas”.

O ativismo político exercido por torcedores nas ruas das cidades durante a pandemia nos trouxe, então, alguns questionamentos que nortearão este artigo. Pois, se não foram poucas as confusões em identificar os militantes ora como “torcedores organizados” ora como “torcedores antifascistas”, que diferenças e aproximações podem ser visualizadas a partir dessas duas denominações? E por que pensá-los numa mesma categoria, como fez reiteradamente a mídia, talvez não seja o caminho mais analiticamente produtor?

É sobre isso que queremos analisar aqui. Como torcidas organizadas, coletivos políticos de torcedores<sup>16</sup> e torcidas antifascistas surgiram no contexto e no cotidiano do futebol, passaram a coexistir nas arquibancadas e fora delas, a se relacionarem uns com os outros, mesmo em meio a tensões e conflitos. Afinal, são coletividades formadas por pessoas de perfis socioculturais diferentes, que habitam variadas partes das cidades, reivindicam pautas distintas e são enquadradas em estereótipos muito particulares e opostos.

Um panorama, aliás, que não é necessariamente recente, nem está restrita a São Paulo, mas que se espalha pelas principais cidades do país. Sabe-se que a primeira torcida antifascista do Brasil, por exemplo, se organizou em Fortaleza, em 2005 (falaremos dela mais a frente), de forma que não é difícil supor que em outras cidades as tensões também estão presentes.

É justo uma análise sobre essas tensões que estamos propondo aqui, e fazendo isso de forma comparativa, ao refletir sobre ambas as identidades torcedoras e seus deslocamentos sobre a cidade. Afinal, “se o que está em pauta é o contexto urbano, é preciso levar em consideração dois fatores constituintes: a paisagem

<sup>15</sup> G1. Bolsonaro diz que Antifas são 'marginais' e 'terroristas'. G1, 3 jun. 2020.

<sup>16</sup> O Coletivo Democracia Corinthiana (CDC), por exemplo, não se identifica nem como “torcida organizada” nem como “torcida antifascista”, mas como um coletivo. Isso só evidencia o quão diversas são essas formas de torcer, mas gostaríamos de enfatizar que neste artigo vamos nos ater principalmente à dualidade entre TO's e torcidas antifascistas.

(entendida como o conjunto de espaços, equipamentos e instituições urbanas) e os atores sociais”,<sup>17</sup> no caso, os coletivos torcedores em questão.

Dessa forma, pretendemos abordar a cidade de São Paulo e as especificidades de seu contexto urbano, de suas principais TO's e antifas, e também observar como esse tipo de debate está sendo travado em João Pessoa, capital da Paraíba, a partir da realidade da Torcida Jovem do Botafogo-PB<sup>18</sup> (TJB) e da Belo<sup>19</sup> Antifa.

### **TO'S E ANTIFAS: ESTILO DE VIDA OU MILITÂNCIA POLÍTICA?**

As TO's e as torcidas antifascistas surgem no país, em especial nas cidades de São Paulo e João Pessoa, paisagens que interessam a este artigo, em momentos e contextos bastante distintos. Aqui, discutiremos brevemente o surgimento de cada uma dessas formas coletivas de torcer, mas, antes de seguirmos, se faz necessário dizer que, apesar de proporem perspectivas de torcidas, ambas emergem de fortes tensões políticas experimentadas pelo país em suas respectivas épocas e a partir de rompimentos ou buscas por alternativas com relação às formas de torcer vigentes até então. Logo, apesar de serem movimentos mais ligados às práticas esportivas e ou políticas, as torcidas aqui em debate surgem em suas origens como respostas coletivas a uma conjuntura que, ao menos na visão delas, era saturada e que, de certa forma, não previa formas de se expressar e de ocupar as cidades como almejavam.

Coletividades torcedoras existem desde aproximadamente os anos 1940, principalmente em forma de charangas<sup>20</sup> e torcidas uniformizadas.<sup>21</sup> No caso das

<sup>17</sup> MAGNANI. Os Circuitos dos Jovens Urbanos, p. 252.

<sup>18</sup> O uso da sigla em “Botafogo-PB” se justifica para diferenciar dos muitos homônimos existentes pelo país, sendo o mais famoso o xará do Rio de Janeiro. O nome oficial do clube paraibano é Botafogo Futebol Clube.

<sup>19</sup> “Belo” é o apelido mais popular usado pela torcida para se referir ao Botafogo-PB.

<sup>20</sup> As charangas eram coletividades torcedoras que surgem sobretudo no Rio de Janeiro, tendo como precursor Jaime de Carvalho. Aparecem como uma espécie de “banda que incentivava nos estádios e depois saía a comemorar as vitórias em passeatas nas ruas, em desfiles nos bondes (anos 1940) ou nas lotações (anos 1950 e 1960)” (HOLLANDA *et al.*, 2012, p. 103).

<sup>21</sup> Conhecidas como coletividades torcedoras mais institucionais ligadas aos clubes e sua expressividade oficial e cívica, uma espécie de representante institucional nas arquibancadas. Explica Canale (2020, p. 23): “As torcidas uniformizadas eram parte da vida cívica da cidade de São Paulo e sua presença em datas comemorativas reforçava os laços entre a juventude e os ideais getulistas. (...) Na visão de Silva e Toledo, esses grupos de torcedores eram significativamente inspirados pelos ideais do início dos anos de 1940, como a concepção de raça, ordem

torcidas organizadas, destaque-se que seu surgimento não foi meramente datado como um fato histórico determinado, mas que tal modelo torcedor fez parte de todo um processo de mudanças nas *formas de torcer*, que ganharam dinâmica própria de maneira mais intensa a partir da década de 1970.<sup>22</sup>

Diferentemente dos primeiros e de outros associativismos, as TO's inauguraram estruturas mais burocratizadas e hierárquicas em suas formas de organização interna,<sup>23</sup> constituindo assim coletividades que ganharam nova movimentação política dentro dos clubes,<sup>24</sup> além de produzirem maior autonomia, revelada tanto em projetos coletivos de se apropriar do futebol do ponto de vista torcedor quanto promover um novo *estilo de vida* e uma sociabilidade contendora que se espalhou e ganhou volume sobretudo entre os jovens, cujos impactos se fizeram notar ao longo das duas décadas seguintes.<sup>25</sup>

De maneira geral,

o futebol, sobretudo para estes torcedores organizados, não consiste tão-somente num momento de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um estilo de vida próprio. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de cada Torcida Organizada, estes indivíduos referendam condutas específicas diante dos outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano.<sup>26</sup>

*Estilo de vida* que se implantou na cidade a partir de lugares de encontro e vivências que extrapolam a lógica das relações de um consumo ampliado e mais imediato pelo futebol, pois ganhou paulatinamente expressividade num calendário de eventos e festividades que toma outros espaços para além dos estádios. Assim, as quadras e sedes das torcidas, suas ruas perimetrais, bem como os bairros que as

---

e principalmente de juventude. Simpáticos ao Estado Novo, reivindicavam os símbolos nacionais e tinham seus líderes como peças centrais de sua engrenagem".

<sup>22</sup> TOLEDO. Lógicas no Futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional.

<sup>23</sup> CAMPOS; TOLEDO. O Brasil na Arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora.

<sup>24</sup> CANALE. Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988: Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo).

<sup>25</sup> TOLEDO. Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010.

<sup>26</sup> TOLEDO. *Torcidas Organizadas de Futebol*, p. 114.

abrigam, “agrega[m] indivíduos de várias localidades da cidade, origens sociais, visões de mundo, expectativas”.<sup>27</sup>

As sedes das TO's como espaços de pertença e fluxo continuados dos torcedores nem sempre estão localizadas próximas aos locais onde os torcedores moram, mas ainda assim são apropriadas num movimento centrípeto de sociabilidade que as elevam a espécies de espaços intermediários entre os bairros e a esfera pública.<sup>28</sup>

E mesmo em cidades como João Pessoa, cujas torcidas organizadas não possuem grandes espaços privados de pertença e/ou sedes e quadras próprias, tal como ocorre no contexto paulistano, ainda assim as coletividades de torcedores definem seus locais de encontros: bares, praças, pontos específicos do entorno do estádio. Corroborando, aliás, com a tese de Bale<sup>29</sup> de que o esporte é uma ciência espacial, em que espaços da cidade são a todo o momento ressignificados por coletividades torcedoras. Esse caráter extra local permeado por esse estilo de vida torcedor, ao mesmo tempo inserido diretamente na sociabilidade cotidiana e cidadina, fez ao longo dessas décadas com que esse modelo se instalasse com relativo sucesso em todo o território nacional.

Mais contemporaneamente, as torcidas antifascistas inauguraram no Brasil novos métodos e formas coletivas e expressivas em torno do torcer e apropriação política dos espaços urbanos de pertencimento torcedor. De todo modo, em termos gerais, elas não são novidades no futebol. A ascensão de um regime fascista na Itália em 1922 e de um regime nazista na Alemanha em 1933, que resultaram na 2ª Guerra Mundial entre 1939 e 1945, provocaram muitos movimentos de resistência que não ficaram alheios ao futebol. E que tiveram repercussões ao longo das décadas seguintes.

Não deve ser por acaso, portanto, que é a Itália o berço oficial do movimento antifascista no futebol mundial. Simões<sup>30</sup> explica que isso acontece ainda na década de 1960, com o surgimento de organizações torcedoras denominadas de *ul-*

<sup>27</sup> TOLEDO. *Torcidas Organizadas de Futebol*, p. 43.

<sup>28</sup> Magnani. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*, p. 116.

<sup>29</sup> BALE. *Sports Geography: second edition*.

<sup>30</sup> SIMÕES. *Clientes versus Rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno*, p. 241.

tras, e a partir “de coletivos e grupos de estudantes de esquerda que passam a utilizar os estádios como formas de manifestação política”.<sup>31</sup>

Ademais, o autor atesta que, com o tempo, movimentos antifascistas se espalharam por toda a Europa, chegando a países como Espanha e França de forma mais intensa a partir da década de 1980 e, depois, migrando para outros países.

E mesmo que na Alemanha os *ultras* só tenham chegado na década de 1990.<sup>32</sup> De forma mais tardia, portanto, vale destacar o famoso caso do FC St. Pauli, clube da cidade de Hamburgo que é ligado a um pensamento político de esquerda, que empunha bandeiras antirracistas, antifascistas e contra, por exemplo, preconceito a imigrantes. O caso do FC St. Pauli é peculiar porque suas inclinações políticas não estão restritas às arquibancadas, mas faz parte da postura institucional que o clube adota oficialmente. Ainda assim, na década de 1980 torcedores do clube fundaram a *Millerntor Roar*, uma torcida antirracista que liderou um movimento para abolir do estádio do clube qualquer cântico ou faixa que tivesse alguma conotação preconceituosa.<sup>33</sup>

Esses movimentos, aliás, se intensificaram ainda mais a partir dos anos 1990 e 2000, principalmente depois que surgiu em 1999, mais uma vez na Itália, o movimento “*Against Modern Football Manifest*”,<sup>34</sup> que combatia a mercantilização do futebol e lutava pelo direito à arquibancada. E isso tanto de um ponto de vista econômico, como de um ponto de vista performático, visto que essa modernização previa aumento dos preços dos ingressos e um maior controle às formas de torcer. Sintomático que é justamente nesse período de politização do torcer pontuado pela Europa que temos no Brasil um processo de maior despolitização das Torcidas Organizadas, em torno de um consenso engendrado de maneira multilateral (grande mídia, promotorias públicas, polícias militares, a própria violência física como

---

<sup>31</sup> Importante registrar que nenhum movimento está livre de contestações, de forma que também se popularizou na Europa, em igual medida, *ultras* de extrema direita, em resposta às mobilizações da esquerda.

<sup>32</sup> SIMÕES. *Clientes versus Rebeldes*, p. 243.

<sup>33</sup> DANIEL; KASSIMERI. The Politics and Culture of FC St. Pauli: from leftism, through anties-tablishment, to commercialization.

<sup>34</sup> “Manifesto contra o Futebol Moderno”, na tradução para o português.

gramática de sociabilidade juvenil) que impôs a judicialização daquilo que se banalizou na expressão “violência torcedora”.<sup>35</sup>

### TEMPO E ESPAÇO COMO FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DE TO’S E ANTIFAS

A primeira torcida antifascista surgiu no Brasil em julho de 2005, em Fortaleza, no Ceará. Trata-se da torcida Ultras Resistência Coral (URC), fundada por torcedores do Ferroviário que eram militantes do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e que estavam dispostos a incluir nas arquibancadas o combate a temas como o racismo, o machismo e a homofobia.<sup>36</sup>

A propósito, a própria fundação da primeira torcida antifascista brasileira é um indício de certa cisão entre as duas formas de torcer. Porque, afinal, os fundadores da URC eram todos integrantes da Falange Coral, principal torcida organizada do Ferroviário, quando decidiram fundar uma nova torcida, pautada agora no combate ao racismo, à homofobia e ao machismo. E fizeram isso porque consideravam “as práticas e as experiências das torcidas organizadas [...] incompatíveis com o projeto político do grupo”.<sup>37</sup>

Pinheiro<sup>38</sup> explica que foi justamente os cânticos homofóbicos e machistas da Falange Coral proferidos nas arquibancadas o primeiro ponto de cisão com os torcedores que fundariam a URC; e, depois, os conflitos contra torcidas rivais aceleraram a separação. Aliás, o slogan proposto pela torcida antifascista e que ainda hoje ecoa entre outras associações do gênero evidencia essa crítica que, inclusive, reforça a ideia de um certo esfriamento das rivalidades clubísticas: “nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes”.

De toda forma, foi só a partir da efervescência política e das reviravoltas provocadas pelo já famoso junho de 2013,<sup>39</sup> e principalmente depois do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016 (e a consequente crise das esquer-

<sup>35</sup> TOLEDO. Torcer: perspectivas analíticas em antropologia das práticas esportivas.

<sup>36</sup> PINHEIRO. As Ondas que (se) Movem (n)o Mar das Torcidas: das charangas à guinada antifascista nas Ultras Resistência Coral (1950-2020).

<sup>37</sup> PINHEIRO. As Ondas que (se) Movem (n)o Mar das Torcidas, p. 220.

<sup>38</sup> PINHEIRO. As Ondas que (se) Movem (n)o Mar das Torcidas.

<sup>39</sup> MARICATO ET AL... *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*.

das<sup>40</sup> que se seguiu), que os movimentos antifascistas (ou antifas) se popularizaram entre as torcidas de praticamente todos os clubes do país.

Tendo ainda essa conjuntura como pano de fundo, o historiador Flávio de Campos aponta que "um conteúdo de crítica surgiu com o contexto da Copa das Confederações, ainda em 2013, e com Copa do Mundo e Olimpíadas pela frente. As críticas justas feitas pelos movimentos sociais transformaram o futebol em causa".<sup>41</sup>

É nesse contexto que se desenvolve um novo "espaço" político, comum às torcidas antifascistas, em que a sociabilidade acontece mais virtualizada e ideologicamente direcionada, assentada mais num tempo (histórico) e menos no espaço físico, digamos assim, contrastando com a experimentação das torcidas organizadas amparadas em suas comunidades locais que atualizam práticas de copresença socioespaciais de sociabilidade. Afinal, tal como já fora aludido, por parte das TO's, são as ações de caráter mais presenciais, corpo a corpo, que se tornaram um importante eixo de atuação política dessas agremiações, fazendo até mesmo da política de assistência social uma das práticas mais comuns que extrapolam o ambiente esportivo e torcedor. Já por parte das antifas, os encontros virtuais (e presenciais) estão mais direcionados a protestos e manifestações em torno de pautas político-ideológicas de amplo espectro. E tem sido neste momento, a principal diretriz a direcionar suas agendas.

Para além disso, voltando ao ambiente esportivo das torcidas em questão, outras características bastante distintas das duas *formas de torcer* estão em como elas atuam no cotidiano de seus clubes e em torno das práticas esportivas desses. As antifas, por exemplo, focam suas atuações propondo uma forte oposição ao conservadorismo dos cartolas no comando de seus clubes, mas permanecendo "de fora" possuem uma maior dificuldade de abertura de diálogo com as alas diretivas dos clubes; o que as difere de algumas TO's, que "de dentro" muitas vezes fazem

---

<sup>40</sup> Para um breve panorama desses acontecimentos, consultar Tible (2019).

<sup>41</sup> GRILLO, Rodrigo; NINA, Roberta; IAMIN, Leandro. A primavera das torcidas antifascistas. *Elástica*, 24 jun. 2020.

parte do cotidiano da política clubística, tal como aponta Canale:<sup>42</sup> “As torcidas organizadas em São Paulo representaram, e ainda representam um movimento social e político muito atuante. Em suas ações do cotidiano e na sua busca por maior participação na vida dos clubes, posicionaram-se muitas vezes além das questões do campo esportivo”.

Podemos afirmar que ambas as formas de torcer, uma aparentemente mais popular e de massa, e outra comendo agrupamentos mais modestos em termos quantitativos e de arregimentação a um estilo de vida mais seletivo em relação aos valores políticos de pertença, possuem fortes atravessamentos simbólicos em suas práticas, não raramente assentados em perspectivas e projetos distintos e heterogêneos entre si.

Tal distinção política também se expressa em estéticas singulares e isso se dá tanto por meio de performances quanto de usos da cultura material torcedora nas arquibancadas, e para além delas. Enquanto as torcidas antifascistas possuem um apego maior por uma expressividade nos protestos de rua, suas faixas levadas às arquibancadas<sup>43</sup> – ainda que mais raras e esporádicas – têm um apelo francamente mais político-partidário, suscitando debates sobre temas mais permanentes das agendas sociais contemporâneas, tais como o racismo, o machismo e a homofobia. As TO's “vivem” as arquibancadas, suas performances e respectiva cultura material são mais voltadas às práticas torcedoras no próprio estádio, que surge como espaço público notabilizado de expressividade e de onde partem eventualmente suas críticas de natureza mais política enquanto torcem.

Vale destacar também que, como um movimento posterior às TO's, as anti-fas possuem características de justaposições ao modelo tradicional das torcidas organizadas, principalmente à sua sociabilidade mais atrelada historicamente aos eventos midiáticos de violências clubísticas e disputas entre torcidas. A violên-

---

<sup>42</sup> CANALE. Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988: Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo, p. 30.

<sup>43</sup> Vale destacar que manifestações estéticas através de materiais são um ponto delicado e controverso de acordo com cada região do país. Em São Paulo, por exemplo, as anti-fas quase inexitem no ambiente estético e visual dos estádios e de suas arquibancadas. São raríssimas as aparições de faixas nas arquibancadas com alusão aos coletivos e suas pautas. E mesmo quando aparecem debates com temáticas política/social, são geralmente pautadas pelas próprias TO's "mais progressistas" da cidade.

cia, inclusive, é uma pauta de grande relevância no que tange a discussão dos dois modelos torcedores, visto que, de um lado, as TO's convivem, sobretudo desde os anos 1990,<sup>44</sup> com um forte e controverso discurso criminalizador ético e moral, seja pela mídia ou pelo senso comum.

Por parte das antifas, percebemos uma estratégia discursiva deliberada em tentar se afastar dos estereótipos atrelados às TO's (mais do que propriamente de seus torcedores populares), evitando associação imediata com o modelo coletivista popular mais contendor, que sabidamente abriga de maneira mais complexa, para alguns paradoxal, as performances de violência e transgressão. Aliás, as leituras mais excludentes sobre a sociabilidade transgressora, quando não sobre a violência física, lidam na chave da irracionalidade das paixões torcedoras. E como apanágio justamente dos discursos vindos das elites, que historicamente dominam o futebol masculino profissional, aos torcedores populares se abate uma espécie de etnocentrismo apolítico emulado das arquibancadas.

Partindo dos apontamentos aqui destacados, vemos, portanto, as antifas mais atreladas ao campo das ideias (valores universais, ideologias, novas formas de subjetivação) traduzido numa sociabilidade que não tem a cidade e o espaço físico necessariamente como sua força motriz, tal como se observa no pertencimento característico das TO's, que priorizam espaços e deslocamentos como forma inegociável de produzir sociabilidade, conhecimento e senso prático de seus contextos políticos.

E isso pode ser pensado também a partir das reflexões de Kuschnir<sup>45</sup> em sua pesquisa sobre o cotidiano da política no contexto urbano. Mais precisamente, em áreas suburbanas – ou periféricas. A autora destaca que nessas áreas das cidades, onde os “acessos” a direitos básicos são mais raros e por isso mais valorizados, existe uma relação maior à localidade, ao bairro. Existem relações de vizinhança mais fortificadas, sentimentos de amizade e de afeto que são mais caros. Que tornam mais urgentes relações políticas próximas em detrimento do macro.

---

<sup>44</sup> Sobre alguns dos eventos relacionados a violência torcedora que deflagraram o movimento, da parte do ministério público, contra a presença das TO's nos estádios paulistanos, consultar Toledo (1997).

<sup>45</sup> KUSCHNIR. *O Cotidiano da Política*.

Fazendo um paralelo com o contexto dos torcedores organizados, a política em seu cotidiano é a de sobrevivências, institucionais e individuais, com suas complexidades e seus conflitos típicos do dia a dia. Como, por exemplo, lutar contra a criminalização das TO's enquanto manifestação popular, contra a proibição dos materiais de torcer no interior dos estádios locais, contra a constante violência e o preconceito policial, contra o preço dos ingressos igualmente. Questões que lhes estão próximas e que conseqüentemente são lidas como mais urgentes.

Em sentido contrário, as antifas nos sugerem um modelo mais ligado a pressupostos políticos e valores tomados a priori do que propriamente norteado por experimentações práticas e sensoriais proporcionadas pelo torcer e pela vida nas arquibancadas como *estilo de vida*. É Oliveira<sup>46</sup> quem propõe quatro formas de atuação das torcidas antifascistas nos estádios e em seus entornos:

- 1) fora dos estádios, em ações conjuntas com outros movimentos sociais, como movimentos feministas e movimentos negros; 2) dentro dos estádios, confrontando torcedores que apresentem comportamentos discriminadores contra alguma minoria ali presente, sobretudo racismo, machismo ou homofobia; 3) tanto dentro quanto fora dos estádios, em manifestações independentes por ingressos de preço acessível ou orientadas em torno de pautas políticas; 4) em redes sociais virtuais, com publicações que abordem temáticas cujo debate é caro às torcidas antifascistas.

Essas formas específicas de atuar podem fazer com que as antifas alcancem uma projeção mais exclusivista se pensada como forma de torcer, visto que seu público-alvo é baseado na identificação com seus valores e ideais em torno de um projeto político de torcer que não raro coloca de lado as rivalidades clubísticas e cada vez mais se esvazia de pertencas socioespaciais locais. O que não é o mesmo que dizer que tais coletivos também não sejam múltiplos em seus atores, como veremos no caso do torcedor de João Pessoa. Com uma faixa etária em torno dos 28 anos<sup>47</sup> de idade, os agrupamentos antifas nos sugerem uma certa proximidade característica com os coletivos e os movimentos estudantis.

<sup>46</sup> OLIVEIRA. O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020, p. 22.

<sup>47</sup> GRILLO, Rodrigo; NINA, Roberta; IAMIN, Leandro. A primavera das torcidas antifascistas. *Elástica*, 24 jun. 2020. Já sobre a questão geracional das TO's, o dado mais recente que temos é o de Hollanda & Medeiros (2016), o qual indica que, com recorte da cidade de São Paulo,

Ao levarmos mais adiante a discussão, propomos que as torcidas antifascistas coabitam um espaço mais voltado para os ideais políticos, o que faz com que seu alcance seja mais centralizado em parcelas "mais politizadas" da população, que por vezes podem trazer consigo recortes sociológicos específicos, como classe (média e alta), renda (mais elevada), escolaridade (ensino superior), raça (branca) e valores ideológicos (esquerda). Não significa dizer que as antifas não são tomadas por atravessamentos outros, que aqui também trataremos mais adiante ao debatermos um caso etnográfico específico de João Pessoa; mas, antes, apontar que a lógica na qual esse coletivo se constrói está mais em seu *significado* político atribuído ao torcer do que em sua *prática* torcedora em si.

As torcidas antifascistas possuem uma capilaridade que se dá principalmente através dos meios digitais, constituindo assim, como uma de suas bases, uma espécie de *sociabilidade virtual*.<sup>48</sup> Se no modelo anterior as estratégias eram de adentrar o máximo possível nos cantos heterogêneos da cidade, esse modelo, por sua vez, parece direcionar suas táticas para o encontro de pares ideologicamente direcionados por meio da internet via redes sociais, construindo assim, na maioria das vezes, redes de sociabilidade amparadas não na presença, mas no discurso.

Um dos aspectos mais claros está relacionado ao cultivo de um tipo de sociabilidade que podemos denominar como sendo "virtual". Esse conceito surge do encontro de determinadas características. De um lado temos a presença de práticas de sociabilidade ao "modo clássico", sendo mantida pelo encontro face a face. De outro, está presente a especificidade gerada por tal tecnologia: a presença da interface gráfica como mediador do encontro social.<sup>49</sup>

## OS TORCERES NA CIDADE DE SÃO PAULO

Ao olharmos para a cidade de São Paulo, mais especificamente aos deslocamentos torcedores no meio urbano, tanto por parte das TO's quanto das antifas, e seus usos da cidade como paisagem na qual constroem suas relações e formas de torcer,

---

15% dos torcedores organizados possuem até 19 anos, 52% está entre 20 e 29 anos, 27% entre 30 e 39 anos, e 6% acima dos 40 anos de idade.

<sup>48</sup> DORNELLES. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede".

<sup>49</sup> DORNELLES. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede", p. 270.

em maior ou menor grau, indagamos: como se dá essa relação no interior da cidade entre as perspectivas torcedoras em questão? Vejamos alguns exemplos a seguir em busca dessa e de outras respostas.

Aqui retomamos algumas categorias analíticas de Magnani,<sup>50</sup> como a de "pedaço", mais especificamente para demonstrar como os entornos das sedes de cada torcida organizada se constituem também em territórios demarcados pelo clubismo. Como, por exemplo, o Bom Retiro é "lugar de corinthiano e gavião". Já a noção de "mancha"<sup>51</sup> inserimos para indicar como em alguns contextos os "pedaços" se somam, resultando em algo maior, como veremos mais adiante no caso palmeirense. Ainda seguindo com as categorizações do autor, destacamos a noção de "trajeto"<sup>52</sup> para indicarmos os deslocamentos dos torcedores pela cidade entre suas práticas de sociabilidade.

A torcida organizada que no Brasil inaugurou burocraticamente esse modelo torcedor são os Gaviões da Fiel. Não demorou muito para ampliarem sua sociabilidade na cidade ao se tornarem também uma escola de samba do carnaval paulistano,<sup>53</sup> expandindo – como destacamos acima – seu *estilo de vida* para mais esferas e usos da cidade em suas múltiplas experimentações. Logo, para além do futebol e do entorno dos estádios.

Sua sede fica no Bom Retiro, região que apesar de central é considerada marginalizada pelo estigma de violência e pobreza que a circunda. Hoje, a agremiação tem suas atividades regulares em constante deslocamentos pela cidade a partir de sua sede, tanto em torno das práticas esportivas (do Bom Retiro a Itaquera, onde fica o estádio corinthiano), quanto das atividades carnavalescas (dos ensaios no entorno da quadra ao Anhembi - onde acontecem os desfiles). Além das ações sociais (em bairros periféricos espalhados pela cidade), se fazendo presente cada vez mais dentro do cotidiano local de seus integrantes, e tendo suas comunidades co-

---

<sup>50</sup> MAGNANI. Os Circuitos dos Jovens Urbanos, p. 278.

<sup>51</sup> MAGNANI. Os Circuitos dos Jovens Urbanos.

<sup>52</sup> MAGNANI. Os Circuitos dos Jovens Urbanos.

<sup>53</sup> Fundada oficialmente como torcida organizada em 1969, os Gaviões da Fiel se tornaram também uma escola de samba em 1989. Caminho esse também trilhado pelas principais agremiações rivais anos mais tarde. Para consultar esse processo com mais detalhamento histórico, consultar Buarque de Hollanda e Medeiros (2018).

mo fontes de pertencimento também através do torcer, do sambar e das ações sociais.

Seguindo na região central da cidade, a menos de 5km de distância temos a sede da Mancha Verde, no bairro da Barra Funda, que apesar de estar localizada na região central, não é no centro propriamente dito. Os deslocamentos e "trajetos" de seus torcedores entre a sede da torcida, o estádio do Palmeiras, e a estação de metrô, todos localizados na mesma região, tornam o bairro ainda mais "palmeirense", constituindo uma espécie de "mancha". No entanto, a capilaridade da torcida também se estende para o interior da cidade, pois seus integrantes estão em constante trajeto de suas casas e trabalhos para a sede da TO e suas demais atividades, inclusive nos ativismos sociais em localidades periféricas.

Atravessando a cidade em direção à Zona Leste, lugar conhecido por seu distanciamento do eixo central paulistano, o que trouxe consigo um frequente abandono histórico por parte do poder público e, como consequência disso, a essencialização do lugar como sendo, ao menos discursivamente, uma das regiões mais pobres da cidade, vemos algumas complexificações nessa disputa socioespacial também em torno do torcer.

Apesar de hoje acolher o estádio do Corinthians<sup>54</sup> e a sede de uma torcida organizada associada ao clube, a Pavilhão Nove, a região não é apenas um "pedaço" ou uma "mancha" corinthiana, pois ali também se aloja e se desloca a maior torcida organizada santista, a Torcida Jovem do Santos FC. Portanto, a região de Itaquera segue um emaranhado de relações negociadas no interior de seus trajetos, cada um com suas disputas simbólicas que, apesar de perpassar o clubismo, extrapolam também para a capilaridade das ações das TO's no bairro, seus integrantes e suas moradias, seus pontos de encontros, suas idas aos jogos.

Ainda na complexificação das TO's em sua socioespacialidade urbana, existe também a questão das subsedes espalhadas pela cidade. São grupos menores que centralizam uma administração local da torcida no interior de seus bairros, que nativamente são chamados de *quebradas*. Cabe destacar que por estratégias políticas e jurídicas de proteção, muitos desses agrupamentos internos das torcidas não

---

<sup>54</sup> Para uma maior compreensão da relação da construção do novo estádio nas mudanças da socialidade dos torcedores locais, consultar Toledo (2013).

são oficializados como subsedes das agremiações, justamente para evitar que sanções sobre a atuação de algum grupo no interior de seu bairro possam prejudicar a organização como um todo. No entanto, em que pese a não formalização das subsedes, isso não diminui em nada o poder de alcance da torcida no interior dos bairros, sobretudo os mais periféricos da cidade, fazendo com que esse *estilo de vida* ligado ao modelo das torcidas organizadas adentre cada vez mais a sociabilidade urbana de seus integrantes.

Diferente das TO's, as antifas não possuem uma sede física na qual constroem suas relações com as pessoas e a cidade, tampouco subsedes no interior dos bairros, logo suas estratégias de alcance não se baseiam numa perspectiva socioespacial da cidade e de seus integrantes, o que conseqüentemente a leva a direcionar seus encontros a partir de mobilizações virtuais através de redes sociais, ao ponto que podemos "ser" de alguma torcida antifa sem sair de casa. Também vale pontuar que seus encontros físicos são em protestos e manifestações políticas, que em sua grande maioria ocorrem no centro, o que conseqüentemente evoca uma menor participação de parcelas mais periféricas da cidade.

Algumas torcidas antifascistas da cidade de São Paulo seguem um modelo de participação regular em protestos e manifestações políticas, nos quais sempre se colocam por meio de suas bandeiras e vestimentas identitárias, além da constante proximidade com coletivos de clubes rivais durante estas situações, também como uma forma de demonstrar uma estética que deixa de lado o clubismo. Como é o caso da corinthiana Coringão Antifa, da palmeirense Porcomunas, da são paulina Bonde do Chê,<sup>55</sup> da santista Santos Antifascista, dentre muitas outras.

Como vimos, ambos os modelos em seus aparecimentos na cidade nos sugerem experimentações diferentes do viver no meio urbano. Tanto por conta das características abordadas, de uma sociabilidade mais virtualizada<sup>56</sup> e em sua grande maioria advinda do surgimento de grupos online e universitários por parte das antifas; como a de uma sociabilidade mais atrelada às práticas corporalizadas da

---

<sup>55</sup> Vale destacar que essa antifa em específico se declara como "antifascistas da Torcida [organizada] Independente". Apesar de tal associação discursiva, o que nos sugerem os grupos (antifascistas e torcedores organizados) é que mesmo existindo um notável fluxo de pessoas a transitar entre os dois modelos, como veremos etnograficamente no próximo tópico, suas práticas coletivas são bastante diferentes.

<sup>56</sup> DORNELLES. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede".

copresença nos espaços, originada de agrupamentos juvenis nas arquibancadas dos estádios, como no caso das TO's.

No tópico a seguir, vejamos como se dá na prática essa complexa relação entre *significados e práticas* no relato etnográfico de um torcedor que vivencia o torcer entre os dois modelos, pois é de uma antifa e também de uma organizada.

### **APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS EM JOÃO PESSOA**

João Pessoa é uma cidade muito diferente de São Paulo. Para começar, tem a questão do tamanho. Enquanto a capital paulista tem uma população estimada em 12,3 milhões de pessoas,<sup>57</sup> a população estimada da capital paraibana é de apenas 817 mil pessoas.<sup>58</sup> Para além disso, já adentrando na questão do futebol, João Pessoa não possui uma diversidade tão grande de clubes em atividade, participando das competições organizadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Se em São Paulo nós podemos citar o Corinthians, o Palmeiras e o São Paulo, além de uma forte presença de torcedores do Santos, e, de certa forma, ainda a Portuguesa, em João Pessoa atualmente apenas o Botafogo-PB aparece como clube que ultrapassa os limites do estado e comumente joga competições regionais e nacionais. A saber, está em 2021 na Série C do Campeonato Brasileiro e tem como projeto de curto e médio prazo o acesso para a segunda divisão nacional.

Essas características, portanto, fazem com que a dinâmica da sociabilidade torcedora em João Pessoa seja muito distinta daquela vivenciada em São Paulo. Porque, por exemplo, as alteridades clubísticas não são tão vividas no cotidiano da cidade, nos dias em que não se tem jogo, já que os principais rivais do Belo – o Campinense e o Treze<sup>59</sup> – estão a 140km de distância de onde estão a maioria dos torcedores botafoguenses.

Ainda assim, são justamente essas características que, talvez, nos possibilitem perceber que o conjunto de torcedores de um mesmo clube de futebol não

---

<sup>57</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: cidades@: São Paulo/SP.

<sup>58</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: cidades@: João Pessoa/PB.

<sup>59</sup> Os dois principais clubes de Campina Grande, a segunda maior cidade da Paraíba.

formam uma unidade. Que não existe “a torcida”, no singular. Mas que esse termo tem que sempre ser pensado no plural, visto que mesmo no interior de um mesmo clube vão surgir inúmeras identidades, que são distintas e conflitantes entre si.

Esse, aliás, foi justamente o debate proposto por Carvalho<sup>60</sup> durante sua pesquisa de mestrado, quando analisou a realidade do Belo e dos botafoguenses de João Pessoa. Por exemplo, o clube possui duas grandes torcidas organizadas de pista<sup>61</sup> – a já citada TJB e a Fúria Independente – que são originárias de distintos bairros da cidade (Cristo Redentor e Mangabeira respectivamente<sup>62</sup>) e que possuem um histórico de rivalidades, desavenças e conflitos mútuos.

Mas, mesmo rivais entre si, TJB e Fúria são apenas duas dentre tantas identidades que estão postas nas arquibancadas, disputando espaços, definindo fronteiras, demarcando diferenças. A essas duas somam-se, por exemplo, outras torcidas organizadas, mas que não são de pista; torcedores que não são integrantes de torcidas organizadas, e que quase sempre tendem a ser críticos das TO's; e, mais recentemente, a Belo Antifa.

O que estamos apontando aqui, no entanto, é que essas identidades torcedoras também não representam unidades homogêneas e indivisíveis, nem estão livres de tensões internas. Mais do que isso, em certa medida acontece até mesmo uma espécie de intercâmbio de torcedores entre os diferentes grupos.

É um contexto, portanto, em consonância com o que sugerem Deleuze e Guattari,<sup>63</sup> ao defenderem uma certa inventividade, uma criatividade que permite trânsitos, diálogos, afetações entre distintos segmentos de uma dada socialidade. Uma fluidez que, ao menos em certa medida, torna as fronteiras menos rígidas do que se pode supor a princípio.

---

<sup>60</sup> CARVALHO. O Belo e suas Torcidas: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba.

<sup>61</sup> No jargão êmico das TO's, torcidas organizadas de pista são aquelas mais afeitas ao embaite, e que logo vivem de forma mais intensa o clubismo e as rivalidades.

<sup>62</sup> Como veremos um pouco mais a frente, as ramificações das torcidas não se resumem a um único bairro, mas no discurso êmico elas seguem simbolicamente sendo originárias desses respectivos pontos da cidade.

<sup>63</sup> DELEUZE; GUATTARI. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia – Vol. 3.

Vejamos, pois, um exemplo etnográfico de um torcedor botafoguense, que é ao mesmo tempo integrante da TJB e da Belo Antifa.<sup>64</sup> Mas, antes de prosseguir, vale explicar que, ao contrário do contexto paulistano já apresentado, o perfil majoritário de uma torcida organizada de pista como a TJB é menos heterogêneo.

Até por ser uma agremiação infinitamente menor do que os Gaviões da Fiel, por exemplo, na TJB os associados são majoritariamente homens, jovens, negros, oriundos de classes populares, moradores de bairros considerados periféricos, sem tanto acesso ao ensino superior.<sup>65</sup> Na Belo Antifa, ao contrário, a partir de observações etnográficas recentes, observa-se um perfil mais próximo daquele registrado em São Paulo, em que os integrantes são em sua maioria brancos, classe média, universitários ou já formados, moradores de bairros considerados “nobres”.

A princípio, portanto, vê-se logo uma distinção, uma fronteira aparentemente bem definida, identidades díspares postas em alteridade. Ao mesmo tempo, uma dualidade que, veremos, não é sempre tão dicotômica assim. Até porque esse perfil majoritário descrito não está livre de exceções que eventualmente permitem múltiplos engajamentos.

Em primeiro lugar, registre-se que um torcedor da TJB, no interior da própria torcida, vai se identificar primeiro com o seu “bonde” do que com a própria torcida organizada. No caso da TJB, os “bondes” são espécies de subsedes (ainda que as sedes não existam de fato) que representam diferentes bairros periféricos de João Pessoa. Então, num contexto interno (como um baile de fim de ano, por exemplo), fala-se primeiro no Bonde do Alto do Mateus, no Bonde do BDI,<sup>66</sup> no Bonde do Jardim Veneza, entre muitos outros, antes de se referir à TO propriamente dita. Sendo que essa só é acionada no encontro com a Fúria ou com torcidas de outro clube, quando portanto as alteridades são redefinidas.

O torcedor a que nos referimos, pois, morador de um bairro periférico de João Pessoa, sócio da TJB, vendo na torcida organizada o seu associativismo principal (e preferencial), não foge da regra de antes se sentir pertencente a um dos

<sup>64</sup> Em respeito a um compromisso ético firmado com nosso interlocutor, não divulgaremos a sua identidade.

<sup>65</sup> CARVALHO. O Belo e suas Torcidas: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba.

<sup>66</sup> Sigla para Bairro das Indústrias.

muitos bondes que juntos formam a torcida organizada. Ao mesmo tempo, sendo um dos integrantes da torcida que estudam numa universidade pública, com uma inclinação política de esquerda, buscou na Belo Antifa um tipo de debate político-partidário que nem sempre encontra na Jovem, ao menos não diretamente.

Pensando no início deste artigo, e no coração da Avenida Paulista naquele 31 de maio de 2020, é também por isso que as fronteiras nas ruas parecem rasuradas em dias de protestos de torcedores contra o presidente da República, no embaute público – e político – que acontece fora dos ambientes de jogos de futebol, pois os diferentes grupos reunidos não são visivelmente separáveis sem uma visão mais cuidadosa (e por que não etnográfica?) que se proponha ser “de perto e de dentro”.<sup>67</sup> Uma visão que a cobertura jornalística nem sempre se preocupa em ter. Mas que é fundamental para tentar entender todas as nuances justapostas.

Tem-se, afinal, a presença de pessoas que ao mesmo tempo dialogam e circulam tanto entre as torcidas organizadas como entre as torcidas antifascistas, ainda que os respectivos associativismos, por muitos dos motivos já expostos aqui, busquem se dissociar uns dos outros. Uma espécie de horizontalidade, ao menos momentânea, que é possível de se identificar em episódios extraordinários como um protesto de rua, que acaba por colocar num mesmo pedaço atores tão diferentes (com suas múltiplas marcas identitárias). E que, ao estarem num mesmo lugar, não são identificados com facilidade, como costuma acontecer no cotidiano das diferentes formas de torcer.

Voltemos ao caso do torcedor que é da Jovem e da Belo Antifa ao mesmo tempo. Nos primeiros encontros em que ele se apresentou como sendo um interlocutor nosso, o contexto inicial sempre foi o da antifa. Ele falava sobre política partidária, sobre futebol e suas torcidas, sobre violência policial, sobre as eleições de 2022. Na primeira oportunidade que o encontro foi no contexto da TJB, contudo, o pedido foi direto. A sua condição de integrante da Belo Antifa não deveria ser mencionada entre os seus pares de torcida organizada.

Não que a informação fosse guardada em segredo, como ele mesmo explicou, mas ele queria apenas evitar polêmicas, discussões desnecessárias, retomadas

---

<sup>67</sup> MAGNANI. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, p. 11.

de questionamentos que na visão dele não tinham a ver com a atuação da Torcida Jovem como agremiação torcedora.

Isso nos indica, logo, que, ainda que em dias de protestos possa haver uma maior aproximação entre esses diferentes grupos torcedores, essa não é a regra cotidiana, e os torcedores que transitam entre esses mundos precisam adaptar as suas performances para o ambiente que está inserido em tal momento específico, ao menos no contexto de João Pessoa.

Ora, o voto na esquerda não é uma unanimidade entre a TJB, assim como não é em nenhuma torcida organizada, mesmo as tidas como mais progressistas. As performances torcedoras das TO's também não são unanimidades entre os integrantes da Belo Antifa. Os trânsitos e diálogos existem, são empiricamente observáveis, ajudam a espriar de um lado para outro distintas experiências torcedoras, mas esse fluxo não é capaz, nem mesmo pretende, pôr fim às fronteiras existentes entre elas. Afinal, como temos apresentado aqui, são modelos torcedores diferentes que alcançam pessoas distintas e constroem suas próprias narrativas políticas em torno do torcer.

Aliás, antes de encerrar este tópico, é importante pontuar que mesmo onde os dois lados mais se aproximam, ainda assim os cotidianos são completamente distintos, o que só ajuda a demarcar de forma mais firme que se trata mesmo de dois "mundos" diferentes, que são atravessados de forma completamente opostas por diversos tipos de estereótipos essencializantes baseados em preconceitos de todos os lados.

Explicamos. As recentes etnografias apontam para a existência de um processo de criminalização de ambas as formas de torcer. Num processo que, apresentamos em dizer, acontece, segundo Tsoukalas,<sup>68</sup> em meio a “estratégias de controle” pautadas pelo poder estatal sem que possua para tanto qualquer amparo legal e/ou jurídico, baseado numa vaga ideia de combate a “torcedores de risco” que abre margem a subjetividades e preconceitos.

As torcidas antifascistas, por exemplo, foram classificadas pelo presidente Jair Bolsonaro, poucos dias depois dos protestos de maio de 2020, de “terroris-

---

<sup>68</sup> TSOUKALAS. Administrar a Violência nos Estádios da Europa: quais racionalidades?.

tas”.<sup>69</sup> Na mesma época, o deputado estadual paulista Douglas Garcia tornou público um “dossiê” com nomes e dados pessoais de mais de mil torcedores supostamente ligados a torcidas antifascistas, mais uma vez classificando a todos de “terroristas”.<sup>70</sup>

Com as torcidas organizadas, contudo, o processo é antigo, recorrente, muito mais violento. A violência institucional impetrada diuturnamente por polícias militares e ministérios públicos – em São Paulo, na Paraíba, em diversos outros estados do Brasil – provoca um processo de criminalização constante das TO’s, que ajuda a disseminar a fama de “marginais” que esses torcedores organizados acabam carregando. O que fazem deles “culpados a priori” de qualquer incidente que possa acontecer no contexto do futebol.

A questão é que, ao menos no caso paraibano, a violência contra as antifas ainda acontece de forma mais teórica, indireta, numa tentativa vaga de intimidação a quem não se conhece direito. As declarações do presidente e principalmente o dossiê provocaram uma onda de medo, de insegurança nos torcedores paraibanos citados, que exigiu uma estratégia de proteção de dados que logo se dissipou. O caráter difuso da torcida antifascista, que está mais presente nas redes sociais do que em pontos específicos da cidade, torna a identificação de seus membros mais difícil.

O mesmo, contudo, não acontece entre torcedores organizados como o da TJB, que, como já dito ao longo do artigo, carregam o torcer como um *estilo de vida*. Mais ainda, carregam em si “sinais exteriores ancorados nos seus corpos”<sup>71</sup> (corpos negros, pobres, vestidos com uniformes de torcidas organizadas e carregando marcas identitárias como bandeiras e faixas) que o tornam facilmente identificáveis. Torcedores que lutam por um direito à cidade<sup>72</sup> que passa pelo jogo, pelo futebol, pelo direito de ocupar as ruas e de subverter espaços públicos, tornando-os em lugares de permanência em dias de futebol, por exemplo. Um ato visto como

<sup>69</sup> G1. Bolsonaro diz que Antifas são 'marginais' e 'terroristas'. G1, 3, jun. 2020.

<sup>70</sup> CONGRESSO EM FOCO. Com dossiê, deputado bolsonarista incentiva perseguição a opositores. Congresso em Foco, 4 jun. 2020. Um dos autores desse artigo, a propósito, por estar fazendo pesquisas entre torcedores antifascistas à época, foi incluído na lista de “terroristas” do tal dossiê.

<sup>71</sup> VALE DE ALMEIDA. *O Manifesto do Corpo*, p. 17.

<sup>72</sup> LEFEBVRE. *O Direito à Cidade*.

transgressor, ofensivo a um ordenamento urbano que se pretende cada vez mais normatizador, e que não raro é rechaçado na base da força, das balas de borracha e dos gases lacrimogênicos.

Enfim, é também na forma como cada lado é criminalizado pelas instituições públicas, que as diferenças entre torcidas organizadas e torcidas antifascistas tornam-se ainda mais evidenciadas e mais difíceis de serem contornadas. As pautas são distintas. As estratégias de sobrevivência a que são obrigadas a se submeter são igualmente distintas.

Portanto, as formas de repressão seguem a lógica de agir de cada modelo. Uma sociabilidade mais atrelada ao virtual é reprimida por meio do vazamento de dados, uma sociabilidade corporalizada pelas cidades é reprimida no próprio corpo de seus torcedores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso intuito com este artigo foi demonstrar de antemão a multiplicidade de atores presentes em torno do torcer, e suas mais diversas formas de resistência política em suas práticas. Para isso, utilizamos como contexto as manifestações contra o atual governo ocorridas em 2020, que contaram com a presença de diversos torcedores, além de recortes entre os cenários das cidades de São Paulo e João Pessoa. Para, a partir daí, destacar que os grupos de manifestantes citados inicialmente não eram apenas de um segmento torcedor, mas de incontáveis frentes reunidas nas ruas, dentre elas, torcedores organizados e torcedores antifascistas.

Para a presente análise, nos guiamos por alguns questionamentos iniciais sobre quem eram esses grupos, quais as dinâmicas torcedoras e políticas envoltas de suas práticas, e como se dava essa relação no interior das cidades.

Baseado nisso, traçamos suas socialidades, suas origens, áreas de atuação e alcance, a ponto de concluirmos que não há coerência alguma em pensá-las numa mesma chave analítica, ao menos não do ponto de vista etnográfico. O que nos levou a perceber um antagonismo fundamental entre os dois modelos torcedores, que aqui apontamos como uma *sociabilidade virtualizada* por parte dos antifas,

frente a uma *sociabilidade corporalizada* por parte das TO's, o que as colocam em lugares distintos nas dinâmicas do torcer e do agir politicamente.<sup>73</sup>

A partir disso, percebemos que não existe uma política do torcer, mas vários e múltiplos caminhos de se fazer política enquanto se torce. Pois, de uma perspectiva antropológica, "a categoria política é sempre etnográfica",<sup>74</sup> justamente por se desenvolver de maneira particular a seu contexto. Ou seja, o entendimento de "fazer política" de um torcedor antifascista não raro será diferente do significado atribuído por um torcedor organizado. No entanto, ambos, em seus contextos, nunca deixam de fazer política.

A propósito, as distinções entre os dois associativismos estão presentes também naquilo que é pré-requisito para se fazer parte de um e de outro. Nas performances esperadas por cada tipo de torcida. Justamente por causa da pluralidade existente no interior dessas formas de torcer, aquilo que não é permitido em cada modelo ajuda a definir quem são os seus integrantes. No caso das torcidas organizadas, os pré-requisitos são exercer o clubismo frente aos rivais principais e manter uma performance específica e coletiva nos dias de jogos. No caso das torcidas antifascistas, ser de esquerda e ser um eleitor de partidos de esquerda passam a ser os pré-requisitos.

Assim, haverá torcedores de esquerda e de direita dentro de torcidas organizadas, desde que eles exerçam o clubismo da forma como é esperada pelos seus pares. Da mesma forma que haverá torcedores antifascistas que sejam mais ou menos clubistas, desde que necessariamente se declarem e ajam como sendo de esquerda.

E isso vai interferir, obviamente, nas práticas torcedoras e políticas de ambos os modelos. Fazendo das antifas associações mais preocupadas com seus ideais políticos em comum e mais comumente encontradas nas regiões centrais das cidades nos dias de protestos políticos. Enquanto as torcidas organizadas seguem na

---

<sup>73</sup> Apesar de sugerirmos essas diferenças entre ambas as identidades torcedoras, isso não significa dizer que as antifas estão apartadas da *sociabilidade corporalizada*, vide os próprios exemplos das atuações da Tribuna 77 (ligada a torcedores do Grêmio) e da Ultras Resistência Coral (já citada neste artigo) nas respectivas arquibancadas de seus clubes. Assim como as TO's também utilizam cada vez mais estratégias virtuais para expandir seu associativismo. Portanto, o uso aqui foi meramente analítico e não definidor ou reificador.

<sup>74</sup> PEIRANO. Três Ensaio Breves.

linha oposta, ao estabelecer suas práticas no corpo a corpo do interior das cidades e de seus bairros, tornando-se instituições com forte pertencimento socioespacial.

No caso de São Paulo, alcançando parcelas mais heterogêneas da população; no caso de João Pessoa, alcançando principalmente a população periférica da cidade. Mas, independente de um ou outro contexto, sem ter o viés partidário como pré-requisito associativista.

No entanto, nos parece inegável que ambos os modelos tornaram-se parte do torcer na atualidade, sejam de uma perspectiva de reivindicações políticas ou de atualizações (também políticas) das *formas de torcer*.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador**: e outras variações antropológicas. Trad. John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BALE, Jhon. **Sports Geography**: Second Edition. London and New York: Routledge, 2003.

CAMPOS, Flávio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, n. 99, p. 123-138, 2013.

CANALE, Vitor dos Santos. **Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988**: Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. Tese (Doutorado em História), Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 340p., 2020.

CARVALHO, Phelipe C. Pontes. **O Belo e suas Torcidas**: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPB, João Pessoa, 202p., 2019.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que Der e Vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 240p., 1998.

DANIEL, Petra; KASSIMERI, Christos. The Politics and Culture of FC St. Pauli: from leftism, through antiestablishment, to commercialization, **Soccer & Society**, v. 14, n. 2, mar. 2013, p. 167-182.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia – Vol. 3. Trad. Aurélia Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo, Editora 34, 1996.

DORNELLES, Jonatas. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede". **Horizontes Antropológicos**, v. 10, n. 21, p. 241-271, 2004.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de libertação no futebol brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 306p, 2003.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Violência, Juventude e Idolatria Clubística: uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo. **Revista Hydrav**. 1, n. 2, p. 97-125, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Escolas de Samba e Torcidas Organizadas de Futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 23-47, 2018.

KUSCHNIR, Karina. **O cotidiano da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARICATO, Ermínia ET AL., **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedacão**: cultura popular e lazer na cidade. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-30, jun. 2002.

MAGNANI, José Guilherme. Os Circuitos dos Jovens Urbanos. **Tempo Social**. v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

OLIVEIRA, Eric Monné Fraga de. O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020. **Sociedade e Cultura**, v. 24, 2021.

PEIRANO, Mariza. Três Ensaio Breves. Brasília, UnB, **Série Antropologia**, n. 230, p. 17-29, 1998.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **As Ondas que (se) Movem (n)o Mar das Torcidas**: das charangas à guinada antifascista nas Ultras Resistência Coral (1950-2020). Tese (Doutorado em História), UFRGS, Porto Alegre, 424p, 2020.

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus Rebeldes**: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro, Editora Multifoco, 2017.

TOLEDO, Luiz Henrique de; SOUZA JUNIOR, Roberto de Alencar Pereira de. Redes populares de proteção: torcidas organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19, **Ponto Urbe**, n. 26, p. 1-20, 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Short cuts: histórias de jovens, futebol e condutas de risco. **Revista Brasileira de Educação**, v. 6, n. 5, p. 209-221, 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: metafísica do homem comum. **Revista de História**. São Paulo, n. 163, p. 175-189, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010. In: Buarque de Hollanda, Bernardo; Malaia, João M. C.; Toledo, Luiz Henrique de; Melo, Victor Andrade. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a copa do mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 40, p. 149-184, dez. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcer**: perspectivas analíticas em antropologia das práticas esportivas. Tese (Titularidade em Antropologia), UFSCar, São Carlos, 319p, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. Tese (Doutorado em Antropologia Social), USP, São Paulo, 2002.

TIBLE, Jean. Movimentos. **Cadernos de Campo**, v. 28, n. 2, São Paulo: USP, p. 15-20, 2019.

TSOUKALA, Anastassia. “Administrar a Violência nos Estádios da Europa: quais racionalidades?”. In: HOLLANDA, Bernardo Borgues Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (orgs.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 21-35.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

COLETTA, Ricardo Della, et al. Bolsonaro ignora crise do coronavírus, estimula e participa de ato pró-governo e contra Congresso e STF. Folha de S. Paulo, Brasília, 15 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3SetUz0>. Acesso em: 28. jun. 2022.

COLETTA, Ricardo Della. Em pronunciamento, Bolsonaro critica fechamento de escolas, ataca governadores e culpa mídia. Folha de S. Paulo, Brasília, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3f626yq>. Acesso em: 28. jun. 2022.

CONGRESSO EM FOCO. Com dossiê, deputado bolsonarista incentiva perseguição a opositores. Congresso em Foco, 4. Jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3Us2OWW>.

GRILO, Rodrigo; NINA, Roberta; IAMIN, Leandro. A primavera das torcidas antifascistas. Elástica, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3RZVHDI>. Acesso em: 29 jun. 2022.

G1. Bolsonaro diz que Antifas são 'marginais' e 'terroristas'. G1, 3 jun. 2020. Disponível em: <http://glo.bo/3Bzsc4q>. Acesso em: 20 mai. 2022.

G1. Bolsonaro diz que Antifas são 'marginais' e 'terroristas'. G1, 3, jun. 2020. Disponível em: <http://glo.bo/3Lu5CPq>. Acesso em: 28 jun. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: cidades@: São Paulo: SP. Disponível em: <https://bit.ly/3Lu5OhC>. Acesso em: 25 jun. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: cidades@: João Pessoa: PB. Disponível em: <https://bit.ly/3drlYM4>. Acesso em: 25 jun. 2022.

WHO. WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020. WHO, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3DA5Wu6>. Acesso em: 22 jun. 2022.

\* \* \*

**Recebido em: 12 de agosto de 2021**  
**Aprovado em: 21 de dezembro de 2021**